

Carmen Soares
Maria do Céu Fialho
María Consuelo Alvarez Morán
Rosa María Iglesias Montiel
Coordenação



orma
& Transgressão

II



• COIMBRA 2011

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Imprensa da Universidade de Coimbra
Email: imprensauc@ci.uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc
Vendas Online: <http://www.livrariadaimprensa.com>

CONCEPÇÃO GRÁFICA
António Barros

INFOGRAFIA
Carlos Costa
Imprensa da Universidade de Coimbra

EXECUÇÃO GRÁFICA
Europress

ISBN
978-989-26-0105-2

DEPÓSITO LEGAL

OBRA PUBLICADA COM O APOIO DE:

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal
Programa Operacional Ciência e Inovação 2010

© OUTUBRO 2011, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CAPÍTULO III

RELIGIÃO: DA GRÉCIA AOS NOSSOS DIAS

Adriana Freire Nogueira

Universidade do Algarve

QUANDO A TRANSGRESSÃO É NORMA A RELIGIÃO GREGA EM PROGRESSO

Este trabalho é o resultado de uma reflexão sobre a relação entre homem e divindade e as questões que a partir desta se levantam, nomeadamente a relação tomada quer de um ponto de vista individual, quer de um ponto de vista de grupo.

Dentro das possibilidades que esta equação permite, interessa-me sobretudo a relação que o homem estabelece com o divino através de rituais de iniciação que, por sua vez, implicam a participação colectiva. Esta forma de relacionamento homem/divindade ultrapassa (apesar das necessárias coincidências) as aventuras dos deuses que as histórias da mitologia nos trouxeram. A ênfase deste artigo será dada aos aspectos transgressores dos cultos. Isto é, o que devia ser considerado como transgressão é norma em determinadas e delimitadas circunstâncias¹.

Esse tipo de transgressão acontece também nas sociedades contemporâneas. A observação de festividades actualmente realizadas em honra de diversos santos², em Portugal, e os frequentes pontos de contacto entre

¹ Essas circunstâncias são o espaço do culto e o momento em que se faz. Por exemplo, ir ao S. Mateus com coisas roubadas (tratarei disto mais adiante neste artigo), só naquele dia e naquela capela (Soure).

² Realço que as relações aqui apresentadas são, de facto, com santos e não com Deus, pois os santos, como seres humanos que foram, estão mais próximos dos homens, assemelhando-se a estes nas suas histórias de vida. Além disso, há uma relação de posse por parte dos crentes relativamente ao santo da sua devoção. Muitos têm a sua imagem no quarto, põe-lhe flores e uma lamparina acesa, falam com ele, beijam-no, abraçam-no. A relação com Deus é

o que se fazia na Grécia, na antiguidade, levaram a este subtítulo, “religião grega em progresso”, revelando como as formas exteriores dos cultos pouca diferença têm, apesar de nos estarmos a reportar a duas regiões temporal e geograficamente tão distantes.

Na Grécia, e em Atenas concretamente, paralelamente à existência de religiões místicas (participadas apenas pelos *mystes*, os iniciados, sendo a parte visível e partilhável muito pequena), existia a religião do Estado, expressa pelas festividades públicas acessíveis a todos. Naturalmente, as práticas públicas seriam diferentes das privadas.

Públicas ou privadas, as manifestações religiosas assumem a existência de deuses como entidades criadoras da humanidade, tendo para com ela relações de diversa natureza: construtivas, punitivas, educativas. Essa assunção foi sendo questionada por diversos pensadores, que arriscaram consequências como acusações de ateísmo. Posições como a do sofista Antifonte, que defendia que as leis eram para ser obedecidas apenas quando se estivesse na presença de testemunhas e que, *se um indivíduo, ao transgredir as normas, passar despercebido aos que estabelecem as leis, escapará à desonra e ao castigo, mas, se não passar despercebido, não escapará*³, são o reflexo de uma forma de pensar revertida, isto é, considerando que são os deuses uma criação humana e não os homens uma criação divina. A esse propósito disse Hipócrates (*De vetusta medicina*, 15.1.): *os primeiros investigadores descobriram estas coisas da natureza humana e pensaram que valia a pena atribuir esta arte a um deus, como é de norma*⁴. Críton, frequentador do ciclo de Sócrates (ainda parente de Platão e personalidade que veio a fazer parte do chamado governo dos Trinta Tiranos), terá escrito, numa sátira:

diferente, pois passa pelo seu filho Jesus, o Cristo encarnado, que é apresentado normalmente na cruz, em sofrimento.

³ DK 87B 44A. Para estes textos, usei a tradução da INCM.

⁴ Tradução minha.

“(...) os homens instituíram leis
punitivas a fim de que a justiça fosse soberana
(...)”

Se alguém cometesse uma falta seria penalizado.

Em seguida, uma vez que as leis os impediam
de praticar manifestos actos de violência
e eles os praticavam às ocultas, parece-me que nesta altura
[pela primeira vez] um certo homem, ousado e sábio na maneira de pensar,
inventou o receio [dos deuses] para os mortais, para que
os malvados tivessem receio de fazer
ou dizer ou pensar [algo] às ocultas.
Por isso introduziu o divino”⁵

E continua a explicação do receio que os homens teriam dos deuses devido ao enquadramento que a estes teria sido dado: *Defendia que os deuses habitavam num lugar que, só de o mencionar, assustava imenso os homens*⁶. Também a satisfação da nossa necessidade de consolo⁷ é indicada como um dos factores que determinou a aceitação das divindades por parte dos homens.

Nestes conceitos ateístas está patente a rejeição de uma religiosidade necessária ao Estado para controlar os cidadãos quando colocados perante um poder que se pretende incontestado: o poder divino. Esse controlo pode ser feito de várias maneiras, recorrendo aqueles que estão no poder a tudo o que possa fortalecer o Estado. Seguindo este raciocínio, as tragédias podem ser olhadas como instrumentos de educação popular, contrariando visões mais modernas, como as bem explanadas em *A Tragédia Grega*, de Lesky (1996: 21-56), no capítulo intitulado “Do problema trágico”, preenchendo, na época, um lugar hoje ocupado pela televisão (ultrapassando a catequese e

⁵ DK88B25.

⁶ Ibidem.

⁷ Glosando o título do livro de Stig Dagerman (2000), *A nossa necessidade de consolo é impossível de satisfazer*.

a escola), principalmente por algumas telenovelas⁸ que pretendem, estas assumidamente, transmitir valores comportamentais e ter a sua quota-parte na educação de um povo, em grande medida, analfabeto funcional. Veja-se o muito citado exemplo da tragédia *Euménides*, de Ésquilo, em que Atena institui o Areópago como tribunal para evitar que os homens continuassem ininterruptamente as vinganças familiares devido a crimes de sangue, ou a *Antígona*, de Sófocles, encarada como elemento perpetuador do valor da norma divina, não transgredível, contra os excessos da norma humana, transgredível.

A procura da norma instituída, que se pretende que coincida com o *nomos*, para que este tenha força de lei, não seria a busca principal dos participantes dos cultos místéricos. A norma aí era outra, transmitida de um modo secreto apenas a iniciados, que sobre ela não podiam falar para nada revelar. No entanto, alguns momentos partilhados com todos davam a conhecer algumas particularidades do ritual exotérico (dado que ao esotérico só os *mystes* tinham acesso) no qual a transgressão era norma.

Muitos dos rituais cristãos praticados nas nossas comunidades têm elementos recognoscíveis de religiões antigas, mormente associados ao trabalho da terra, pois era daí que vinha a sobrevivência e a incompreensível maravilha da renovação cíclica da Natureza: as épocas das sementeiras e as das colheitas eram momentos em que se louvavam os deuses protectores dessas actividades. A semente que se deita à terra, que aí permanece e que depois desponta, revelando-se aos homens, está na origem de um dos cultos mais conhecidos e respeitados da Grécia Antiga: os Mistérios de Elêusis. Este culto, como muitos outros, foi, em vários aspectos, apropriado pelo cristianismo, que dele retirou o que melhor lhe servia para a manutenção e permanência dos seus fiéis ou que dele herdou formas cultuais e de

⁸ A novela *Páginas de Vida*, de Manoel Carlos, na Rede Globo, em 2007, fazia a trama ser acompanhada de testemunhos reais de pessoas que teriam lidado com os mesmos problemas abordados pela ficção (a síndrome de Down, nomeadamente), transmitindo valores como a tolerância. Também o livro de M. Aparecida Baccega (2000), apesar de se centrar no Brasil, pode ser facilmente adaptável à nossa realidade, pela implantação que estes produtos televisivos brasileiros têm no nosso país. Ver também o curto artigo de Marcio Ruiz Shivo (2005).

crença.⁹ E é precisamente da exteriorização deste culto que vou extrapolar para a realidade repetida ainda hoje nas manifestações da religiosidade mais popular em Portugal.¹⁰

Uma explicação política como a sugerida por Parke (1977: 59) daria conta da saída dos objectos sagrados do santuário de Elêusis para um espaço expressamente construído para o efeito na acrópole de Atenas, onde a visita que antecedia a grande procissão que os levaria de novo a “casa” era vista, politicamente, como uma “admissão da importância da cidade que detinha o poder”.¹¹ Conjecturam-se que esses objectos seriam relíquias provenientes da época micénica (cf. Milonas 1961), de uma antiguidade de difícil – já na época – compreensão. Ora esta saída de elementos sagrados (relíquias, neste caso, estátuas dos santos, no caso português) é frequente. Os pontos de contacto entre o que se sabe dos mistérios eleusinos pode ser reconhecido nos rituais profanos e, mais provocadoramente, nos sagrados, da religião cristã. A festa da Mãe Soberana, em Loulé, celebra a visita que a santa faz a um outro templo e a procissão que a leva, de novo, à sua ermida, por uma ladeira íngreme, de difícil escalada. A estátua é transportada por homens, que, quais iniciados, são acompanhados por uns e observados por outros, que se mantêm nos caminhos por onde eles têm de passar. A visita da santa propicia uma maior actividade nos templos, quer no visitado, quer no seu próprio. Também o S. João que se celebra no concelho de Idanha-a-Nova sai durante uns dias e depois volta, sendo esta visita propícia a milagres, como forma de agradecimento pela recepção que lhe fizeram. A Nossa Senhora da Azenha é disputada pelos Monsantinos e pelos de Penha Garcia. A estátua da santa desloca-se anualmente para um local chamado Azenha ou Azinhal, onde fica de Maio a Setembro. E de Setembro a Maio vai para

⁹ Carl Kerény (1991) faz uma excelente análise das semelhanças entre o cristianismo e o culto a Deméter e Perséfone. Para uma abordagem mística e esotérica, vide G. Sietos (1993).

¹⁰ Buscar nas festas religiosas portuguesas uma continuidade ou uma permanência destas devoções parece-me um pouco excessivo. O meu objectivo é mostrar como o povo resiste às normas e impõe ele o seu gosto.

¹¹ “admission of the importance of the ruling city”.

e ascética, o martírio é exaltação do livre arbítrio, da liberdade humana; na sua dimensão sacrificial o martírio é exaltação da Graça.

Nesta obra celebrativa do martírio, e no contexto das polémicas teológicas que acendiam a discussão, mesmo entre os católicos, compreende-se que seja a exaltação das obras a sua intenção prioritária. O mérito das obras, da acção humana, estende os seus frutos à conversão dos guardas do cárcere e, além disso, os heróis do poema, no decurso da acção entendem a sua morte futura como imolação e sacrifício eficaz pela Igreja japonesa. No entanto, o poeta católico não deixou de ressaltar possíveis acusações protestantes de transgressão pelagiana, cultivando o tópico agostiniano da *infirmas* da natureza humana e a necessidade da oração. Na condição infralapsaria (que é em todo o caso a condição humana *de facto*) o livre arbítrio, indispensável embora como receptáculo da Graça divina, é frágil, in-seguro (*in-firmus*).²⁰ Ferido pela herança da queda original, o homem é incapaz, por si só, de atingir o fim para que foi criado. É o que entendemos em reflexões como a que se segue à conversão de Narciso e que apenas aparentemente são contraditórias em relação àquela intenção prioritária de exaltação da acção humana.

O mesmo amor terá invadido os outros, igual desejo terá arrastado os guardas e movido todos os corações. Tu, Táquea, terias entregue as mãos, e tu Sezeno. Não serias o único, Narciso. Fostes vós, empecilhos, sereias enganadoras, a vã riqueza, o medo da morte e o amor da vida (terrena), fostes vós que retardastes as velas a este navio que voava em direcção aos céus, e o caminho a estes homens. Oh! Rei dos anjos e dos homens! quão secretos são os intentos que meditais! em que escuridão volveis o acaso. Outrora, enfeitados os mais distintos dos irmãos, escolhestes apenas a David, do báculo para o ceptro e da lã humilde para a púrpura real, embora o seu rosto aparentasse menos coragem, e o seu corpo menos força. Também Vós escolhestes entre os dois irmãos, Jacob, desde o seio materno, mas lançastes às trevas do Orco Esaú, o mais velho e o mais

²⁰ No *De Natura et Gratia*, St.º Agostinho distingue, precisamente, a *natura creata* da *natura infirma*. O 'Decreto da Justificação' aprovado por unanimidade na 6ª sessão do Concílio de Trento em 13 de Janeiro de 1547, reafirma-o no cap. I: depois do pecado original "o livre arbítrio não ficou nele (no homem) extinto mas atenuado e inclinado." J. Castro 1944: 255.

forte. Deste modo atraís Narciso à vossa devoção, e acolheis a sua vontade, mas abandonais os outros para trás, ao serviço do crime, despojos horríveis do Báratro. Ai medo! Ai loucura, triste conselheira destas almas! Jamais poderão fazer-vos algo belo, grande, ou digno de fama; Vós costumais converter um coração pelo temor, e transformar os leões em tímidos encantos. Assim, consentindo nas rudes cadeias do medo, vedastes aos pés e às almas destes guardas, avançar o seu passo para o céu, e entregastes as suas velas aos ventos e ao Érebo. Ah, como há pouco desprezaram a salvação da alma que agora queriam conhecer! Como lamentarão esta cobardia, quando a cruel Prosérpina arrancar cada cabelo das suas cabeças, e entrarem nos lagos do negro Tártaro.²¹

Embora exaltando a eficácia salvífica das obras, Bartolomeu Pereira ressalva deste modo no poema o primado da Graça,²² sublinhando a insuficiência das forças humanas sem o seu auxílio. Para tal, invoca o tópos bíblico da *duritia cordis*. A dureza do coração que presume das próprias forças torna-o impermeável à Graça.²³ O homem que confia apenas em si próprio, que, pela dureza de coração, aqui configurada no medo, não se entrega confiante à Graça, é como o navio que naufraga. É afinal no fraco,

²¹ “Idem alios subiisset amor, similisque uoluptas/ Attraheret uigiles cunctos et corda moueret;/ Tuque Taquea, manus, e tu Sezene, dedisses,/ Nec solus, Narcisse, fores; sed in astra uolantem/ Vos tandem, o remorae, nauem, uos uela dolosae/ Sirenes, cursumque uiris tardastis, inanes/ Diuitiae, mortisque metus et lucis amores./ Proh superum Rectorque hominum! quam caeca uolutas/ Consilia! Et casus quanta in caligine uoluis!/ Tu quondam, abiectis fratrum praestantibus, unum/ E baculo ad sceptrum, tenuique e uellere ad ostrum/ Regale assumis Daudem, licet ille minores/ Ore animos, et nullum ostentet corpore robur./ Tuque etiam e geminis materno uiscere Iacob/ Eligis, at frater tenebris dimittitur Orci/ Esau, uirtute potens, et grandior aeuo./ Sic modo Narcissum trahis in tua uota, uolentem/ Accipis, ast alios longe post terga relinquis,/ Seruitium sceleri, spoliisque immane Barathri./ Heu metus! heu male suada animis uecordia! pulchrum/ Nil unquam, nil grande tibi uel nomine dignum/ Actum olim; tu forte soles formidine pectus/ Vertere, et in timidos lepores transferre leones./ Sic custodum animos plantasque in dura timoris/ Vincla ferens, gressum ulterius proferre uetasti/ Ad caelum, inque Erebum uentos et uela dedisti./ Quam modo contemnunt, animi nouisse salutem/ Quam uellent! quantum facta haec ignaua dolebunt!/ Cum fera supremum capiti Proserpina crinem/ Auferet, atque lacus et Tartara nigra subibunt!” *Paciecidos* V, 482-511.

²² Embora assentes já em St.º Agostinho quer a colaboração da *natura infirma* quer o primado da Graça, ficara então em aberto a questão da proporção a atribuir a cada parte. Na Reforma Católica, o valor dado às *obras*, arrasta por vezes acusações protestantes de pelagianismo.

²³ Era o próprio Deus quem endurecia o coração do Faraó, tornando-o surdo à sua voz. (Cfr. Êxodo os capítulos 8, 9 e 14). A dureza do coração do Faraó, paradigma do homem que presume das próprias forças, tornava-o impermeável à Graça divina.

isto é, na imagem do que confia na Graça, que esta se manifesta, como aconteceu com os exemplos bíblicos de David e de Jacob. O forte, imagem do que não se entrega à Graça, mas confia nas suas próprias forças, sucumbe.²⁴

Bartolomeu Pereira, com este episódio, faz chegar ao leitor a mensagem de que, na Sua imensa Providência, Deus conhece profundamente os actos do homem, sem que por isso os predetermine, permitindo assim que uns fossem vencidos pelo medo e outros se entregassem confiantes à salvação, estando todos eles, porém, no exercício da sua liberdade.

Não podemos deixar de reconhecer nas reflexões do poeta a procura de equilíbrio nesta questão que se encontra disseminada pelo poema. Na figura *composita* do herói que este poema nos propõe, encontramos uma concepção de homem em que o elemento estóico assume um papel de relevo, no valor da ascese, da decisão e do livre arbítrio, da virtude da constância, mas, ao mesmo tempo, um homem inteiramente confiante e entregue aos misteriosos desígnios da Providência Divina.

²⁴ Aqui Bartolomeu Pereira retoma o tópico paulino: 'quando sou fraco, então é que sou forte' ou 'o que é fraco, segundo o mundo, é que Deus escolheu para confundir o que é forte' Cfr. 1 Cor1, 27.

Em conclusão:

A hagiografia cristã pressupõe sempre uma determinada orientação doutrinal e uma metodologia pedagógica (ou edificante) e apologética. Esta epopeia hagiográfica neolatina da Companhia de Jesus, através de uma linguagem literária, por vezes ficcional e maravilhosa, assume essa orientação tecendo através da própria economia narrativa, da estrutura da acção central, mas também das suas digressões e episódios, uma mensagem eficaz e expressiva da norma que a rege. Naturalmente, para o público intelectual e devoto a que se destinava esta epopeia, essa mensagem é facilmente descodificada e compreendida pelo leitor, porque este se encontra num elevado grau de sintonia com aquela norma e com o próprio autor do poema.

A Companhia de Jesus, no exercício do seu magistério, integrando nele, entre outras linguagens, a da arte literária, deitou mão da função apologética da hagiografia. Prestigiando o discurso hagiográfico com a riqueza literária da poesia épica de modelo clássico, de acordo com as exigências estético-literárias do seu público, soube aproveitar-lhe todo o poder de proposta programática de um perfil heróico, dele retirando toda a eficácia possível na argumentação defensiva da norma ortodoxa, consagrada e reafirmada em Trento no debate com as várias heterodoxias.

Bibliografia

- Burschel, Peter, "Imitatio Sanctorum ovvero: quanto era moderno il cielo dei santi post-tridentino?", *Il Concilio di Trento e il moderno. Atti della XXXVIII settimana di studio (1995)*, Paolo PRODI, Wolfgang REINHARD, ed. Bologna, 1996, pp309-333. Cfr. nota 1, p 309
- Calafate, P. (ed.), *História do Pensamento Filosófico Português. II. Renascimento e Contra-Reforma*, Lisboa, Caminho 2001, 547-558.
- Castro, José de, *Portugal no Concílio de Trento*, Lisboa, 1944, II.
- Grégoire, Réginald, *Manuale di Agiologia, Introduzione alla Letteratura Agiografica*, Fabriano, 1996, 2ª edição revista e aumentada.
- Gregory, Brad S., *Salvation at stake. Christian Martyrdom in Early Modern Europe*, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts and London, England 1999. Cfr. p 277.

- Idígoras, José Ignacio Tellechea, “Ignacio de Loyola, reformador”, *Actas del Congreso Internacional de Historia de Madrid, 1991, Ignacio de Loyola en la Gran Crisis del siglo XVI*, QUINTIN ALDEA ed., Basauri, pp239-254
- Jap/Sin 61: Anua do Japão p.^a nosso mui Rev^{do} P^o Mutio Vitalesche R.^{ssimo} geral da Comp^a de Jesus do anno de 1627. (Arquiuum Romanum Societatis Iesu).*
- Jedin, Hubert, *Storia del Concilio di Trento*, 4 vols, Brescia, 1973-1982.
- Livro da Vida e Martírio do Bem-aventurado padre Francisco Pacheco, Provincial da Companhia de Jesus em Japão e Governador Episcopal de toda aquela cristandade, texto publicado in “Beato Francisco Pacheco—Subsídios biográficos”, editado por João Gomes d’ABREU, Arquivo de Ponte de Lima, 5, (1984) 377-390; 6 (1985) 359-371
- Mezzardi, L. e Vismarra, P. *La Chiesa tra Rinascimento e Illuminismo*, Roma, Città Nuova Editrice, 2006.
- Miranda Urbano, C., “O *Ignatiados* de António Figueira Durão”, in M. Gonçalves, A.S.Silva, J. Coutinho et alii (coords.), *Gramática e Humanismo*. Actas do Colóquio de Homenagem ao Prof. Amadeu Torres, (Braga, Aletheia, Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa, 2005) vol. II 225-246
- Pereira, Bartolomeu, *Paciecidos: libri duodecim: decantatur clarissimus P. Franciscus Paciecus Lusitanus, Pontlimiensis, è Societate Iesu, Japponiae Provincialis eiusdem Ecclesiae Gubernator, ibique uiuus pro Christi fide lento concrematus anno 1626*. Conimbricae, Expensis Emmanuelis de Carvalho 1640.
- Pires S.J, Celestino, “Os Teólogos Portugueses e a Graça no Concílio de Trento”, *Lusitania Sacra*, 3 (1958) 67-93.
- Ribadeneira, P., *Vita Ignatii Loyolae*. Textus latinus et hispanus cum censuris ed. Candidus Dalmases SJ. Romae, MONUMENTA HISTORICA SOCIETATIS IESU vol 93, 1965.

